

SÃO PAULO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL E REFERÊNCIAS CULTURAIS

*Déa Ribeiro Fenelon**

Nas linhas de pesquisa do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, venho atuando como orientadora e pesquisadora no campo de estudos de *Cultura e trabalho* e *Cultura e cidade*. Essas opções correspondem, na verdade, a desdobramentos de concepções teóricas e maneiras de se inserir e contribuir para a produção historiográfica brasileira, sobretudo na formação de novas gerações de historiadores por intermédio dos cursos de pós-graduação.

A partir da criação do núcleo de estudos *Cultura, trabalho e cidade*, na PUC-SP, em 1996, venho me dedicando, nestes últimos anos, com maior ênfase, a estudos e trabalhos relacionados às questões da cidade.

Nessa direção procuramos orientar as investigações para temas que tratam da constituição dos espaços e territórios urbanos tendo em vista a compreensão de que são as relações sociais entre moradores da cidade que, em última análise, acabam por definir e delinear contornos e paisagens urbanas, criando referências culturais que nos permitem perceber as imagens de uma cidade. Ao buscar essas imagens e essas referências estamos conscientes de que elas estão sempre impregnadas de memórias e de significações que se constroem e se modificam pelas experiências e vivências sociais posteriores, exprimindo diferentes temporalidades.¹

Trabalhar, pois, com essas temporalidades configuradas nos modos culturais do viver urbano, ou seja, recuperar práticas sociais para compreensão dos significados

* Professora do Departamento de História – PUC-SP

1 M. Roncayolo (1986). "Cidade". In: *Região*. Enciclopédia Einaud. Casa da Moeda; Lisboa.

atribuídos pelos moradores a seu patrimônio cultural são questões e preocupações para investigação nesse projeto.

Isto se concretiza, como já se disse, a partir de uma concepção que busca captar e investigar, nas relações sociais entre os moradores da cidade, o entendimento de modos de viver, lutar e trabalhar, se divertir, desenhar, impregnar e constituir, com suas ações, a cultura urbana. Assim agindo esses moradores deixam registrado ou vão imprimindo suas marcas, no decorrer do tempo histórico, alterando, transformando ou conservando não apenas a estrutura física de suas cidades, mas também a maneira como se relacionaram ou construíram seus modos de vida nesse cotidiano urbano.

É a partir daí que me interessa identificar, especialmente, referências culturais do patrimônio histórico e cultural que a população, em seus diversos segmentos sociais, valoriza e nomeia como suas, na relação de “pertencimento” à cidade, no meu caso trabalhando a cidade de São Paulo no período de 1911 a 1954.

Mais que apenas a idéia do patrimônio histórico e cultural associada às construções históricas do centro da cidade, aos estilos da arquitetura urbana ou aqueles marcos identificados como símbolos de tempos “antigos” ou merecedores da preservação e do tombamento do governo, nossa idéia se impõe como a de conceber esses referentes que buscamos investigar como um “patrimônio afetivo”, diríamos, para superar tentativas de lidar com o passado com a nostalgia de outros tempos gloriosos e memoráveis. Com essa perspectiva de investigação, a forma de encarar o passado se constrói tendo em vista a busca de referências culturais que a população vai conformando em suas vivências e em sua experiência social ao longo dos anos.

No Brasil, as políticas de preservação do patrimônio foram sempre marcadas pela improvisação ou pelo uso político da cultura. Nascida nos meandros e contradições do autoritarismo do Estado Novo, a criação dos órgãos de patrimônio e das políticas de área, ainda que mesclada com a rebeldia modernista de “abrasileirar os brasileiros”, acabou por cristalizar os elementos do nacionalismo autoritário com as intenções modernistas, em tentativas e com os objetivos de recuperar o passado para alcançar uma definição da identidade nacional.

Coerente com essas concepções, configurou-se a prática de identificar um conjunto de bens culturais, no qual, significativamente, é possível reconhecer a predominância do patrimônio edificado: igrejas, capelas, quartéis, fortes, cadeias, palácios, casas de câmara, imponentes casarões. Tudo isso posto à disposição para visitação pública como símbolos do passado do País. Estavam aí consagrados e definidos os elementos sim-

bólicos dignos de preservação e de integração ao patrimônio: as sedes do poder político, religioso e militar, da classe dominante com seus feitos e modos de viver.

Vencia outra vez a perspectiva de consagrar como dignos de preservação certas obras da arte e da cultura, os símbolos do poder constituído. Desprovida da memória social que lhe permitisse a consciência histórica – pelo efeito desagregador da impossibilidade de acumular suas realizações como cultura –, a maioria da população continuou sem se reconhecer nesses símbolos, sendo então expropriada, mais uma vez, de suas memórias e histórias.

Nesta pesquisa aqui apresentada, gostaríamos, no entanto, de concretizar, de algum modo, a construção possível de uma cartografia das referências culturais estabelecidas pelos diversos segmentos sociais nos diferentes espaços e territórios constituídos na cidade. Preocupações que, sem dúvida, passam pelo exame e avaliação dos projetos e políticas de preservação do patrimônio, da paisagem edificada, mas que pretendem ir além disto para tentar investigar, por exemplo, nas propostas de alterações e reformas urbanas, nos recortes da paisagem e no reconhecimento das territorialidades, também o significado das diversas experiências sociais e, portanto, das várias memórias e das várias histórias da cidade e de seus moradores. Será de grande interesse para o avanço dessas perspectivas examinar, dentro do possível, as próprias reações dos diversos setores sociais a esses ditames e definições da política cultural.

Tudo isto para enfatizar, mais uma vez, a idéia de que a cidade é uma construção dos homens e, portanto, nunca pode ser apenas estritamente racional. Ela é memória organizada e construção convencional, natureza e cultura, público e privado, passado e futuro. A mudança é característica das cidades, mas essas mudanças têm história, personagens e uma trama de desejos individuais e de projetos.²

Daí se insistir na afirmativa de que a cidade é algo mais que o espaço de manipulação do poder ou apenas o lugar de organização da planta física da cidade nas definições de arruamento, políticas urbanas, alterações de percurso ou de alinhamento dos edifícios.

Ou, para sintetizar de outra maneira e concordar com Lynch, quando diz que a cidade não se dá a conhecer por inteiro. No mais das vezes, nossa percepção da cidade não é integral, mas bastante parcial, fragmentária e envolvida por outras referências. Mas ainda assim “todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes de sua

2 J. Ramoneda (1994). “Que es la ciudad?”. In: Jean Dethier y Alain Guiheux. *Visiones urbanas. Europa, 1870-1993*. Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona/ Sociedad Editorial Electa España, España.

cidade e as imagens que dela produz estão impregnadas de memórias e de significações”³.

Assim, nesta cidade que anseia pelo futuro, mas que está sempre impregnada do tempo passado, de memórias, de lugares e de referências, estamos propondo investigar como se deu essa construção social e histórica da paisagem urbana, nas transformações da metrópole – São Paulo de 1911 a 1954.

A delimitação cronológica se justifica ao considerar a data inicial, 1911 – inauguração do Teatro Municipal e seus arredores –, como uma referência reconhecidamente anotada e registrada nas reformulações urbanas dos inícios do século XX. E 1954, para perceber nas comemorações do IV Centenário, quando certamente os marcos se acentuam e a preocupação em fazer surgir a imagem de “metrópole moderna” se institui como uma preocupação dos poderes públicos e também da sociedade civil.

Nos depoimentos de viajantes do período inicial se pode ler, por exemplo:

Os jardins são numerosos e muito bonitos. O da Luz é um encanto, pelas esplêndidas plantas tropicais e pela abundância de flores. A praça da Liberdade, com seu pequeno gramado inglês, seu lago e seus graciosos palacetes, é talvez a mais simpática. Há ainda o Parque Antártica, na cidade e o da Cantareira, a poucos quilômetros, que são passeios deliciosíssimos.

...Não posso, porém, deixar de mencionar o Teatro Municipal que é um autêntico monumento de arte arquitetônica. Creio que poucos teatros europeus podem vangloriar-se de ter sua grandiosidade e sua elegância e riqueza internas. (Alfredo Cusano, *Italia d'otre Mare*, 1913)

ou outro visitante:

O vale que separa a cidade velha da nova estava passando por muitas modificações durante minha visita, com muitos edifícios comerciais surgindo nessa magnífica área. Destacando-se sobre esse vale, que está sendo transformado, com muito bom gosto, em jardim público, está o Teatro Municipal, um dos melhores prédios do país.

... É um belo monumento, que atesta a sabedoria, a habilidade e o bom gosto de seus projetistas, engenheiros e arquitetos e, devido a sua imponência, ultrapassa em beleza seu rival do Rio. (Archibald Forrest, *A tour through South America*, 1912)^{4a}

3 K. Lynch (1980). *A imagem da cidade*. São Paulo, Martins Fontes.

Durante a investigação será preciso examinar e perceber como se produzem essas referências, como os moradores estabelecem algumas relações entre o mundo exterior e as imagens que criam a partir de experiências, marcas de acontecimentos e as diferentes maneiras de interpretá-las, quando realizam diferentes leituras da cidade.

Buscar enfim a legibilidade da paisagem urbana tentando mapear a cartografia e a memória afetiva de seus moradores nos diversos segmentos sociais em relação à cidade, ou seja, caminhos, rotas, cantos, pedaços, referências, lembranças nos diferentes espaços em que sua experiência social se concretizou em modos de vida.

Ou no dizer de Lévi-Strauss, que aqui esteve em 1935:

Descrevia-se então São Paulo como uma cidade feia... e contudo São Paulo jamais me pareceu feia – era uma cidade selvagem como são todas cidades americanas...

ou ainda Roger Bastide, em 1958, em seu *Tristes trópicos*:

Não se pode flunar em São Paulo. A multidão que vai para o trabalho ou que volta para casa, arrasta-nos em seu turbilhão. A qualquer hora do dia, só há na rua homens apressados que nos impõem a cadência dos seus passos.^{4b}

Assim, o que nos propomos neste projeto, tendo em vista todas as concepções de lidar com as questões da cidade, será investigar e problematizar as relações sociais de apropriação, interação, abandono, esquecimento ou lembrança entre os moradores da cidade e seu espaço. Para isso desdobramos nosso interesse no seguinte:

- examinar as relações dos moradores com a natureza, isto é, com os parques, os jardins, as alamedas, as praças públicas e as ruas, o espaço público, enfim. Propostas de criação, melhorias ou idéias de transformação e até destruição;

- investigar os diferentes usos e também as imagens criadas na relação com os meios de transporte, os caminhos para o trabalho, a disponibilidade e o acesso à moradia, regiões de manifestação e protesto, bem como os locais e a realização dos festejos populares, religiosos ou profanos;

4 a e b Citados em Bruno, Ermani da Silva. Memória da cidade de São Paulo. Depoimento de moradores e visitantes/1.583/1.958. Série Registros n.º 4. Secretaria Municipal de Cultura/Departamento de Patrimônio Histórico. PMSP. São Paulo. 1981.

– analisar os projetos e as propostas de alterações do desenho urbano e suas reformulações e intenções de intervenção das várias esferas do poder público nos recortes das territorialidades e das experiências sociais;

– examinar também os projetos de preservação da paisagem urbana edificada, as políticas e os melhoramentos urbanos, bem como as políticas de patrimônio histórico cultural da cidade;

– identificar roteiros, marcas, monumentos, passagens, símbolos com a marca dessas referências e assim poder explorar o significado atribuído a essas relações estabelecidas;

– buscar perceber nas imagens literárias de romancistas, cronistas ou viajantes, bem como nas composições iconográficas e no uso das imagens urbanas em cartões postais, álbuns, fotografias isoladas, a relativa importância ao longo dos anos do papel da mídia na formação das referências culturais identificadas.

Para realização da pesquisa, teremos um longo caminho a percorrer na busca das fontes, sejam as oficiais ou problematizando romances, crônicas sobre a cidade; jornais, sobretudo os suplementos literários e comemorativos das festividades e efemérides; os álbuns e coleções de fotografias; o trabalho dos artistas em suas pinturas, quadros, etc. E, finalmente, na medida do possível, os depoimentos orais e testemunhas. Mas isto será assunto para outra notícia, quando a pesquisa avançar mais.